BERNARD MENCIER
Diretor-presidente do banco CCF Brasil

PROGRESSO SE FAZ COM TRABALHO

Instalado há quatro décadas no país, o banco CCF Brasil ocupa hoje um lugar de destaque no ranking das instituições financeiras. É o 12º banco brasileiro e o segundo estrangeiro em atividade, com ativos que superam R$10 bilhões.

Naturalizado brasileiro, o engenheiro e administrador de empresas formado pela tradicional INSEAD (European Institute of Business Administration) Bernard Mencier, 54 anos, é o diretor-presidente do banco CCF Brasil.

Nesta entrevista à revista Conjutura Econômica, Mencier comenta a situação da economia brasileira, os cenários existentes de curto e médio prazos para sua consolidação e as realizações do banco CCF Brasil, juntamente com os produtos e serviços oferecidos aos seus clientes.

Mencier nasceu na França, onde trabalhou como engenheiro de pesquisas, consultor de empresas e diretor do Credit Commercial de France. No Brasil, ele preside a ABBI (Associação Brasileira de Bancos Internacionais) e o banco CCF Brasil.

Em seu currículo, destaca-se o reconhecimento, na França, da Ordem do Mérito e do Cavaleiro da Legião de Honra e, no Brasil, da Ordem da Inconfidência.

A seguir, os principais trechos de sua entrevista.
Mencier — A taxa do Fed, anunciada no final de maio, não sofreu alteração. A manutenção da taxa de juros demonstra que os EUA não estão acreditando num repique, a médio prazo, da inflação no país. Isso significa que temos uma certa tranquilidade pela frente, porque a próxima decisão só deverá acontecer em julho. Cria também uma certa tranquilidade para os mercados financeiros no mundo, o que é bom para todos. A economia brasileira precisa de estabilidade, de tranquilidade. A manutenção da situação nos EUA é uma pressão a menos sobre os juros brasileiros e um alívio para os setores que dependem dos juros, como o setor industrial.

Conjuntura — A internacionalização do sistema bancário brasileiro parece ser um processo inevitável. É necessário algum cuidado nesse sentido?

Mencier — O sistema financeiro é somente um elemento da economia monetária brasileira, um compartimento de um problema maior, que envolve a moeda. Ademais, não é um assunto tão importante quanto a moeda. Aliás, o que aconteceu, por exemplo, com a Tailândia — onde ocorreu grande especulação contra a moeda — é um sinal do que poderia acontecer com o excesso de abertura no setor financeiro. Hoje, no mundo, praticamente nenhum Banco Central tem a capacidade de conter uma onda de especulação contra uma moeda. O que o Brasil faz, muito corretamente, nesse momento de abertura comercial do país, foi continuar controlando a moeda; e, ao controlar a moeda, de uma certa forma ele continua controlando o sistema financeiro. Esse controle evita grandes ondas de especulação que nos países em transição, como o Brasil, constituem os maiores perigos.

Conjuntura — Como o sr. vê o futuro do Plano Real? Ele está consolidado?

Mencier — A primeira fase do Plano Real, de eliminação de alguns distúrbios básicos da economia brasileira, já foi feita, com a estabilização da inflação e o restabelecimento de algum equilíbrio monetário. Ela teve resultados excepcionais, com a eliminação da inflação permitindo o crescimento do poder aquisitivo da população de menor renda. Com a entrada no mercado de consumo, brasileiros antes marginalizados estão se tornando cidadãos na verdadeira expressão da palavra.

Por outro lado, se o plano resolveu alguns distúrbios, ele criou outros. Tinhamos, antes, uma parte da economia que vivia da inflação e que foi eliminada. O ajuste a um ambiente de inflação baixa é uma das questões que temos de resolver e uma das causas do atual desequilibrio, por exemplo, da balança comercial. Isso porque parte dos produtos produzidos antes de 1990, num país totalmente fechado e de inflação alta, não tinha escala e hoje está tendo que ser importada. Portanto, o Plano Real, por trazer a estabilização monetária, de certa forma criou outros problemas, de ordem estrutural.

Conjuntura — Que problemas são esses?

Mencier — No setor industrial, por exemplo, será necessário estabelecer, de maneira mais saudável, parte da exportação que existia antes. Obviamente, os bens de capital que o Brasil está comprando para se colocar à altura da competição internacional são também importados, o que está criando um problema de acréscimo de importação e de financiamento. Para tudo isso, o governo vai ter de encontrar uma saída. No momento, provavelmente haverá contenção da taxa de crescimento para evitar desequilíbrios maiores. Ou seja, estamos saindo de uma situação de ajuste para entrar em uma outra, de reorganização e de criação — e o governo vai ter de achar maneira de administrar essa situação. De qualquer maneira, sou otimista em relação ao futuro do país, porque o que foi feito até agora é a maior demonstração da capacidade do governo. Ao integrar parte da população que, por causa da inflação, estava numa situação perigosa, difícil, o governo conseguiu fortalecer a sociedade e a democracia. No mundo atual, essa transformação, de grande magnitude, exige o reconhecimento ao esforço brasileiro.